

## ENREDOS E TRAMAS DA MIGRAÇÃO: MEMÓRIAS DE MIGRANTES PARAIBANOS

Marilva Batista Cavalcante  
Graduada em História – UEPB  
Mestranda em História Regional e Local – UNEB  
marilvabc@yahoo.com.br

### I – INTRODUÇÃO

As inovações operadas na historiografia têm registrando mudanças significativas no que corresponde a novas abordagens, novos problemas e novas fontes históricas, permitindo discutir a importância das experiências individuais e coletivas na construção histórica e chamando atenção para o uso da fonte oral, da iconografia e dos debates sobre narrativa histórica como possibilidades de desvendar as histórias registradas pela memória.

Nessa perspectiva, este artigo versa sobre o processo migratório verificado em Irecê nas décadas de 1940 à 1960 período este, marcado pela presença de migrantes paraibanos na região atraídos por projetos de desenvolvimento agrícola na região.

Pretende-se aqui, uma análise dessa migração verificada na cidade como tentativa de perceber as especificidades desse processo e visualizar os protagonistas desse enredo ao recompor as trajetórias e tramas desse processo.

Essa possibilidade de discussão tomou corpo dentro da produção historiográfica graças aos avanços empreendidos a partir da fundação da Escola dos Annales, onde seus fundadores Marc Bloch e Lucien Febvre ao criticarem a historiografia tradicional abriram campo para uma produção histórica mais problematizadora, que ao invés de conceber os aspectos quantitativos da pesquisa aponta sua dimensão material, social, cultural e também política permitindo que novos sujeitos históricos, novos fatos e fontes históricas se apresentem.

II – A NOVA HISTORIOGRAFIA : um convite a novos sujeitos, novas fontes e novas abordagens.

A compreensão das trajetórias e memórias dos sujeitos migrantes paraibanos em Irecê, pretende discutir a relevância de uma nova historiografia que percebe o uso e debate das fontes iconográficas, da narrativa histórica e, sobretudo, das fontes orais, como elemento que aponta pistas e possibilidades de responder os questionamentos que essa pesquisa suscita já que, para Cristiane Nova “partindo de uma visão geral da história como discurso, muitos autores defendem que os artifícios audiovisuais são também, como a escrita, formas de representar o passado”(NOVA, 2000,p.154).

Nesse sentido, a leitura das trajetórias dessa migração deslocou o interesse de estudos, antes pautados na análise de fatos e fontes positivistas, para as redes, para o cotidiano, as trajetórias, o singular e passaram a perceber os sujeitos históricos como construtores de uma reinterpretação do passado abordado na interação entre memória e história como aponta Marieta Ferreira:

Essa perspectiva que explora as relações entre memória e história possibilitou uma abertura para aceitação do valor dos testemunhos diretos, ao neutralizar as tradicionais críticas e reconhecer que a subjetividade, as distorções de depoimentos e a falta de veracidade imputada podem ser encaradas de uma nova maneira, não como uma desqualificação, mas como uma fonte adicional para a pesquisa. ( Ferreira, 2002, p. 321).

Os estudos de caráter demográfico, foram tomando uma conotação de não mais compreender o fluxo migratório como elemento principal e sim, os sujeitos e suas práticas imbricadas no processo migratório onde segundo Henrique Espada, Levi aponta:

*“O papel da mobilidade geográfica da população é uma dessas incongruências: na ausência de dados estatísticos diretos, imaginou-se uma sociedade imóvel, na qual a soma de saídas e entradas resultasse em zero. As migrações foram assim muitas vezes tomadas como um fato irrelevante ou rígido e de todo modo impossível de mensurar. Grande parte da demografia histórica recente, voltou-se assim, para o movimento natural da população para tirar daí preciosas medidas dos comportamentos [...] que fazem da população[...] o centro exclusivo da observação”.*( ESPADA, 2006: 234).

Nessa perspectiva, o estudo das questões migratórias envolve uma série de sentidos e significados particulares de um povo e resguardados pelas memórias construídas no âmago das múltiplas experiências vividas pelos sujeitos que migram.

Os estudos sobre cidade e seus deslocamentos, que nesta proposta incorpora uma das facetas do estudo demográfico, tem trazido contribuições significativas para o campo da História nos permitindo problematizar as transformações das vivências desses migrantes.

Assim, somos levados a discutir os motivos que teriam influenciado a atração de migrantes paraibanos para Irecê no período estudado; a forma na qual se deu esse processo de deslocamento e as relações sociais imbricadas nessas trajetórias, visualizadas a partir das memórias, enredos e tramas presentes nos discursos dos sujeitos dessa história.

### III – NARRANDO AS TRAJETÓRIAS: histórias de vida imbricadas na migração.

Ao narrar a história as trajetórias da migração pontuada no trabalho é pertinente apresentar Irecê enquanto cidade localizada no Sertão com cerca de 54 mil habitantes e que, no período mencionado na pesquisa, possuía como atividade principal e maior riqueza da região o cultivo de feijão chegando a mesma, a receber o título de “capital do feijão”, o que atraía pessoas de vários lugares do país, inclusive das demais regiões do Nordeste como Ceará, Pernambuco e Paraíba, para trabalhar nas lavouras de feijão, milho e mamona.

Essa circunstância apontava a cidade como uma perspectiva de mudança se vida, e possibilidade para alguns de ascender economicamente pois, algumas das memórias pontuadas nas trajetória destacam que “existem tantos espaços quantas experiências espaciais distintas” “... prevêem, também, ‘as vias múltiplas do futuro’ combinando as particularidades antecedentes ou possíveis, na medida em que participam no âmago dos processos histórico-culturais”. (SANTANA, 1998:36).

O relato oral abaixo que descreve a trajetória de vida do agricultor Mariano Francisco da Silva natural de Catolé do Rocha/ PB em sua vinda para Irecê, registrada na obra do memorialista “Irecê, a saga dos imigrantes” e chama atenção, pois:

*“ Em 1947/1948 choveu pouco na Paraíba e muitos estavam em dificuldades, principalmente Mariano, que passou por vários desacertos, perdendo, inclusive, grande*

*parte de seus animais. Então ele teve notícia de seu primo Cícero Izídio que na Bahia tinha um lugar muito bom para se viver e decidiu vir conhecer Irecê, chegando aqui no ano de 1948. Trabalhando bastante nos terrenos do primo e colheu alguma coisa. No ano seguinte, 1949 vendeu o que produzira e resolveu retornar à Paraíba, a fim de buscar sua mulher e filhos. Chegando lá fretou um caminhão e veio com sua esposa, dez filhos, cinco homens de trabalho e uma quantidade de víveres [...]. Saíram numa terça feira, do mês de setembro e passaram vários dias viajando em estradas, cortadas entre montanhas e caatingas, até chegar ao sertão de Irecê” . (Rubens,2004: 34).*

O depoimento nos revela o desejo de “mudar de vida” e de aventurar-se na busca por melhores condições de vida, pensando o processo migratório e a possibilidade de ascensão econômica de alguns sujeitos na perspectiva de que “...quase sempre as cidades são instituídas como signo do progresso e do crescimento e a prática do trabalho como meio para alcançar o tão sonhado desenvolvimento” (FARIAS, 2008: 71).

Assim sendo, Irecê era compreendida como uma possível solução para uma série de problemas agravados por um período de escassez de chuvas na Paraíba. É pertinente visualizar também a partir do discurso de Mariano, as condições que marcaram o processo de deslocamento desses migrantes, suas possíveis condições sócio-econômicas e culturais e sua percepção da região que os absorvia. Um outro elemento visualizado no discurso remete-se às redes de solidariedade.

*“Nas narrativas dos migrantes, as redes de solidariedade são mostradas como um aspecto crucial da experiência da migração. [...] “redes de relação entre as pessoas que não deixam vestígio escrito atrás delas”. O “caminho migratório” podia ser iniciado por alguns indivíduos de uma determinada região, que então o promoveria ente velhos amigos, vizinhos e familiares. [...] .Elas não apenas proporcionavam um círculo social de apoio, mas era através destas mesmas redes que os migrantes iriam conseguir um emprego melhor, um lugar melhor pra viver, e até mesmo uma esposa ou um marido”. (THOMSON, 2002: 346).*

Tão comuns em processos migratórios às redes de solidariedade escamoteada no discurso do senhor Mariano, nos permitem pensar uma das formas em que se apresentava esse processo em Irecê, onde aqueles que primeiro chegaram na cidade ganhadora<sup>1</sup>, propiciavam trabalhos para outros migrantes que chegavam, atenuando as dificuldades comuns de desenraizamento de seus locais de origem ou das dificuldades iniciais diante de um “ novo mundo” deixado para trás e/ou desenhado a sua frente e com o qual eles passavam a conviver.

---

<sup>1</sup> BAENINGER, R. Região, Metrópole e Interior: espaços ganhadores e espaços perdedores nas migrações recentes. Brasil,1980 –01996. Tese de Doutorado.IFCH/UNUCAMP, 1999. O termo é designado para classificar as regiões de absorção em um processo de imigração.

Um outro exemplo que demonstra em que circunstâncias constituíram-se as redes de solidariedade está presente na trajetória de deslocamento do senhor Domingos Leoneli de Oliveira, natural de Santa Helena/PB “que chegou em 1958, a fim de visitar a irmã que morava em Jacobina. A irmã, que não o via há muito tempo, aconselhou-o a ficar na Bahia, prometendo-lhe arranjar mercadoria para vende em Irecê, lugar onde muitos mascates estavam se saindo muito bem”.(RUBEM, 2004: 58).

Esse período de destaque da pesquisa correspondente ao contexto da construção dessa identidade da cidade de Irecê como a Capital do Feijão que sendo basicamente agrícola passava aos poucos a utilizar máquinas trazidas pela Comissão do Vale do São Francisco - CVSF<sup>2</sup> – e de um projeto de incentivo a produção agrícola “Plante que o Governo Garante” que, distribuindo crédito àqueles que desejassem desenvolver atividade agrícola colaborou na atração dessa migração de paraibanos verificada em Irecê.

Se o discurso citado, apresenta a migração de paraibanos em Irecê como um elemento motivado pelo interesse e/ou facilidade de obtenção de terras, recursos para o plantio e desenvolvimento agrícola, são as multiplicidades de trajetórias e suas particularidades apresentadas nas memórias resguardadas pelo tempo e a subjetividade das vivências desses migrantes, que nos fazem levantar questionamentos sobre as variedades de motivos que poderiam ter colaborado no desejo que movem os interesses de deslocamento desses migrantes descrito como também uma possibilidade de ascensão por meio da atividade comercial como aponta o relato, embora, isso não signifique que sendo Irecê uma região, terminantemente agrícola, este ao “fazer futuro” (SANTANA, 1998: 24) com o comércio, não tenha adquirindo terra:

*“Pedro Matias da Silva, natural de Jericó/PB e Maria Veras da Silva, chegaram à Irecê, em 1949, vindo de pau-de-arara. Era um homem talentoso, que dominava várias profissões: pedreiro, ferreiro da melhor qualidade, carpinteiro e comerciante.*

---

<sup>2</sup> RUBENS, Jackson. Irecê, a saga dos imigrantes e histórias de sucesso, Irecê: Print Fox,2004, 45-48. Apresenta a Comissão do Vale do São Francisco (CVSF), encarregada de formular e executar os programas do governo de incentivo à agricultura, apesar se sua relevância ao apontar os principais problemas da região, a CVSF não obteve grande sucesso nas suas ações, em razão de dificuldades de ordem técnica e política mas, que, por sua vez, estimulou a migração par a Irecê. Essa informação aparece também agregada ao projeto governamental surgido a partir dos anos 70 “Plante que o Governo Garante”.

*Trazia muitas novidades para vender em seu comércio, a exemplo de um engenho de ferro. [...]. Prosperou bastante no comércio e na agricultura e foi um dos primeiros donos de trator da região.[...]*” (RUBEM, 2004: 32).

Irecê é apresentado no período de 1940 á 1960 como um espaço de vivências cotidianas em que os sujeitos a partir de suas práticas constituíam a cidade como um local de projeção econômica motivado pelo desenvolvimento da agricultura e de comércio e de práticas culturais desenvolvidas em torno dessas atividades como nos permite uma leitura da fotografia de “Domingos Leoneli que mascateando na feira utilizava-se da viola e da cantoria para atrair clientes”. (RUBEM, 2004: 59).

Assim, as trajetórias pertinentes a esse processo migratório nos permitem pensar ainda, as mais variadas condições em que processo migratório ocorreu, compreendendo que cada sujeito imprime a partir de suas vivências significados particulares ao processo e, por conta disso, deixam transparecer as percepções constitutivas dessa história, as mais diferenciadas memórias que dialogam com seus sentimentos, saudades de tempos de outrora e, das perspectivas em seus novos espaços.

No tocante as diversas condições na qual se deu o processo de deslocamento desses migrantes para Irecê os depoimentos de José Reinaldo da Silva (Zezinho Gago) e sua irmã Amara Cordeiro Farias, apontam as precárias condições de vida de transporte daquela época e sua indignação com essa questão. Revela ainda, implicitamente, em suas falas à saudade que o prendiam a seu antigo espaço de vivência, a Paraíba, ao atribuírem a identidade da cidade de Irecê como local de desenvolvimento atrelado à vinda de migrantes:

*“José Reinaldo da Silva ( Zezinho Gago), nascido em 1921, em companhia do pai, João Reinaldo da Silva, e do irmão Artur, chegando em 21/08/ 1943, depois de uma viagem que envolveu um caminhão até Juazeiro, trem até o ponto da parada chamado França e sete dias de jegue [...]. Irecê veio desenvolver depois do povo de fora. Irecê, antes não tinha nada [...].*

*João Reinaldo, retornou à Paraíba a fim de pegar o restante dos filhos, entre os quais Amara cordeiro de Freitas [...]. Ela lembra que chegaram em Petrolina de pau-de-arara, depois foram de trem para Capim Grosso e esperaram transporte, em Jacobina, durante seis dias, até aparecer o caminhão de Vavá, que era dirigido por Gasparino.*

*Ao chegar no Tombador, que era uma pedreira brilhante, o motorista pediu que todos descessem, pois o caminhão não aguentava subir com tanto peso. E todos desceram, menos Dona Amara, que alegou que se o carro não prestava não devia estar na estrada.” ( RUBEM, 2004: 30).*

O discurso aponta na direção de constituir a identidade econômica da região enquanto limitada, cheia de restrições, mas revelam os desejos subjetivos, impressões e temores dos migrantes diante da cidade receptora desse fluxo migratório pois, ao classificarem Irecê, inconscientemente, o comparam com as memórias de seus locais de origem ou das expectativas que faziam dos lugares que imaginavam quando da sua saída.

As aventuras no pau-de-arara é um outro elemento apontado no discurso que pode ser futuramente problematizado, no contato com as fontes orais, no sentido de compreender como se configurava esse deslocamento. Que vivências foram sendo desenvolvidas nas longas viagens? Que sentimentos de fatos ali acontecidos marcaram as memórias de muitos que recorreram a esse transporte como meio de deslocamento? Pois, “o pau-de-arara é um caminhão coberto de lona, com algumas taboas transversais, em cima da carroceria, onde os passageiros assentavam e viajavam dia e noite, sofrendo poeira, chuva e sol [...]”(RUBEM, 2004: 25).

É, preciso ter em mente ao analisar tal questão, que essa percepção apresentada no discurso não era homogeneizante a todos os migrantes, pois há registros de outros transportes utilizados nesse deslocamento e faz-se necessário uma análise contextualizada das condições econômicas de diversas regiões interioranas do país naquele momento.

Essas e tantas outras questões serão melhor esmiuçadas ao longo da pesquisa pois o trabalho com a fonte oral é sempre revelador e sugere novos questionamentos, novas abordagens e apresenta novos sujeitos.

#### IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS

As histórias narradas nesse trabalho do processo migratório e das trajetórias dos sujeitos migrantes de diversos locais da Paraíba para Irecê/BA apresentam uma contribuição aos estudos regionais ao tentar definir Irecê enquanto espaço vivido onde as experiências, práticas, valores, sentidos e significados são construídos e assumem variadas relevâncias para cada sujeito o que por sua vez, apresenta aponta a heterogeneidade do processo migratório.

Os enredos produzidos nos fios dessa história procuram perceber e problematizar alguns dos elementos pertinentes desse processo migratório ao descrever alguns dos motivos que conduziram a migração aqui descrita; identificar a partir das memórias sentidos e sentimentos dos sujeitos migrantes nesse deslocamento; sugerem as variadas formas nas quais ocorreram esses deslocamentos e possibilita compreender no processo migratório algumas redes de solidariedade escamoteadas nos discursos dos depoentes.

É primordial destacar ainda, que sendo um estudo embrionário e sedimentado na história oral apresenta uma série de elementos a serem problematizados a partir do contato com estas fontes e, destaca a riqueza e problemática do estudo que promova a interação da fonte oral com os processos migratórios.

O trabalho sugere ainda, um debate sobre a importância da produção historiográfica e de seus avanços quanto ao uso da memória e da percepção da história dos sujeitos, das variadas fontes históricas e do perfil exigido ao historiador na contemporaneidade. Reafirma, pois, que as informações apresentadas por essas questões como toda e qualquer idéia ou concepção histórica não está pronta, acabada, e definida por um olhar, um estigma e um significado mas, abarca os infinitos sentimentos, compreensões e formas de visualizar problemas histórico e do fazer histórico.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BAENINGER, R. **Região, Metrópole e Interior**: espaços ganhadores e espaços perdedores nas migrações recentes. Brasil, 1980 – 1996. Tese de Doutorado. IFCH/UNUCAMP, 1999. O termo é designado para classificar as regiões de absorção em um processo de imigração.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.



FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, tempo presente e história oral**. Topoi. Rio de Janeiro, dezembro 2002, pp. 314-332.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.

\_\_\_\_\_. **A herança imaterial**. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 2000.

LIMA, Henrique Espada. **A micro-história Italiana**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006.

RUBEM, Jackson. **Irecê: história, casos e lendas**. Irecê/Bahia: Print Fox, 1997.

\_\_\_\_\_. **Irecê, a saga dos imigrantes**. Irecê/Bahia: Print Fox, 2004.

SANTANA, Chardel D'Almeida. **Fatura e Ventura camponesas: Trabalho, cotidiano e migrações: Bahia 1950 – 1980**. São Paulo: Annablume, 1998.

THOMSON, Alistair e outros. **Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais** in AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta Moraes. Usos e Abusos da História Oral. (cap 6 – p. 65- 91).

\_\_\_\_\_. Histórias (co) movedoras: história oral e estudos de migração, **Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol.22, 2002.